
IDENTIDADES POSSÍVEIS: JUDEUS E NAZISTAS, VÁRIOS PAPÉIS (RE) CRIADOS NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS MAUS DE ART SPIGELMAN

(Autor): Cláudio da Costa Barroso Neto.

claudiobarroso_n@yahoo.com

(Co-autora): Karina Pereira Souto

karinasouto06@hotmail.com

Inicialmente tínhamos apenas os documentos oficiais como possibilidade de fontes de estudos históricos. Com os ANNALES e a Nova História, outros documentos foram se tornando também passíveis de análises, portanto históricos também. Com a Nova História, podemos perceber que todo objeto pode se tornar passível de estudo, todo objeto pode se tornar histórico, dependendo, é claro, das questões que lhe são propostas. Estas mudanças históricas quanto aos objetos e aos estudos historiográficos ocorrem não só devido aos novos olhares sobre os objetos, mas também dos conceitos históricos, que assim com o todo, reconfiguram-se, se desenvolvem para abarcar cada vez mais possibilidades de visualização. Isto tudo devido à busca incessante dos historiadores por respostas.

O discurso e o enunciado se configuram e reconfiguram com o passar dos tempos pelo próprio contato que os praticantes destes “ditos” vão tendo com as inovações e as novas descobertas das áreas do saber. (FOUCAULT, 1999. p. 38)

O advento da Nova História Cultural abriu um novo leque de possibilidades nas correntes históricas, nos campos de pesquisa e, principalmente, em uma multiplicidade de objetos de pesquisa, com o auxílio de diversas novas fontes, que, de acordo com Pesavento (2003), até então não eram visualizadas pela história. Fez com que velhas fontes fossem iluminadas por novas perguntas, sendo, de acordo com a autora, as relações possíveis entre a representação narrativa e seu referente, questões centrais para a Nova História Cultural. E são com essas novas possibilidades que nos debruçaremos sobre a História em Quadrinhos **MAUS** (Spiegelman, 2005) e nos apropriaremos dela como nossa fonte, nosso objeto de pesquisa para perceber como se da a (re) construção

das identidades de judeus e nazistas na obra, pois, “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (HALL, 2000. p.110).

A vasta literatura produzida até agora sobre quadrinhos que tivemos contato, não a utiliza como documento histórico. Método este que vamos utilizar, mas com o olhar do historiador podemos ser capazes de reconfiguramos a HQ, de vê-la como mais que um objeto de leitura despreziosa, mais que literatura de massa, mais que objeto pedagógico, mas um recurso em sala de aula, podemos desmaterializá-la, desnaturalizá-la e reconstruí-la, reconfigurá-la como um novo objeto, um documento histórico, um objeto que trará perguntas e, dependendo do olhar, poderá trazer muitas respostas.

Explícitas algumas das principais correntes e campos de pesquisa da história cultural, cabe dizer que o espectro das *fontes* se revela como quase infinito. Uma idéia na cabeça, uma pergunta suspensa nos lábios, o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos. Nessa medida, tudo pode vir a tornar-se fonte documental para a história, depende da pergunta que seja formulada. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007. p. 97).

Ou seja, graças aos alargamentos das fontes proporcionados pelos estudos da Nova História, a HQ pode se tornar também passível das análises historiográficas bastando apenas sabermos fazer a pergunta certa a esse novo objeto. Estes alargamentos possibilitaram visualizar muito além da superfície das HQs, podemos olhar através das entrelinhas, dos não ditos, e perceber que os quadrinhos não só divertem, mas também ensinam. Não só **MAUS**, mas a maioria das HQ em si, diverte e ensina ao mesmo tempo. A HQ faz com que se construa um senso de linguagem no indivíduo que é estimulado a ler HQ desde a infância. As Histórias em Quadrinhos trazem muito mais do que está exposto na sua superfície. Toda HQ quando examinada a fundo nos mostra um mundo de possibilidades, uma infinidades de temas, um universo inteiro que não aparece no primeiro olhar, no primeiro contato. Estes aspectos só serão observados com o devido cuidado e as devidas técnicas, que possibilitaram o aparecimento destes “não ditos” das HQs.

Para podermos analisar **MAUS** como sendo um objeto histórico, usaremos como base inicial o trabalho produzido por Albuquerque Júnior (2007), onde o mesmo mostra as diversas possibilidades que temos para manusear um objeto e transformá-lo de acordo com nossas necessidades. Iremos construir esse análise seguindo a mesma linha

do autor, onde iremos trabalhar um objeto já dado e estudado, a HQ, e estudar de forma nova construída por nós de acordo com nossas perguntas e necessidades. Também temos que lembrar sempre que a imagem funciona tentando passar uma representação simbólica do real, tendo, portanto, a necessidade de se fazer a interpretação de seus códigos, salientando sempre que também é uma produção histórica, dentro do contexto do tempo, ou seja, **MAUS** não ficaria de fora desta análise.

De acordo com Albuquerque Júnior (2007), os fatos históricos não possuem documentos consagrados, únicos, exclusivos. Os documentos, que constroem mais uma verdade para o objeto, surgem do olhar do historiador para o objeto (fato), surgem da pergunta que é feita a ele, surgem de um momento histórico que historiador e objeto estão inseridos.

Pensando dessa forma todo objeto torna-se histórico, torna-se interessado em deflagrar uma verdade e para fazer este discurso de verdade acerca do objeto escolhido basta que o historiador se debruce sobre ele fazendo com que ele saia do silêncio e entre para a “história”. E para fazermos isso vamos interrogá-lo, vamos fazer surgir o que esta nas entrelinhas dos discursos, do texto, do desenho, da HQ por completo.

Assim como Albuquerque Júnior (2007) lançou um novo olhar sobre um objeto já visto, também procuramos de acordo com nossos interesses lançar um novo olhar sobre um objeto também já visto: a História em Quadrinhos (HQ). O olhar que lançaremos sobre este objeto se torna diferente dos demais lançados, pois, nos propomos a tratar a HQ, no nosso caso específico a obra **MAUS** de Art Spiegelman (2005), como um objeto que nos trará mais uma possibilidade de conhecimento sobre as identidades de judeus e nazistas construídas a partir do discurso de seu pai sobre a 2ª Guerra Mundial.

As identidades não são fixas, elas não são solidas, não estão prontas e acabadas, ou mesmo definidas, elas passam constantemente por processo de construção e reconstrução, onde estão sempre se completando, se refazendo, acrescentando e este processo nunca acaba. “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudanças e transformações” (HALL, 2000. p. 108). Nenhuma pessoa se organiza em grupo a não ser contra outro grupo.

A imagem tem um papel simbólico, que é verificada pelo historiador para lhe dar acesso a um significado e a uma estética que produz emoções no espectador, porém,

no nosso caso, quem esta debruçando o olhar sobre a obra é também um historiador, que possui uma pergunta para essas imagens, que, por este fato vai tomá-la como uma construção, uma fonte que está se propondo como sendo o lugar dado do passado. É preciso ver nessa fonte como ela se mostra e se pinta no já acontecido, dito passado, ver quais valores essa imagem carrega, seus sentimentos e o que busca comunicar. “Assim a imagem tem, para o historiador, um valor documental, de época. (...) Da pintura ao cinema, da história em quadrinhos a fotografia, do desenho a televisão, tais imagens povoam a vida e a representam, oferecendo um campo enorme as pesquisas dos historiadores”. (PESAVENTO, 2003. p. 88).

A HQ é formada de imagem e texto que se correlacionam formando uma linguagem própria. Já podemos observar até aqui que o texto, e o discurso são a visão do autor sobre o que ele deseja falar, sendo sua interpretação a partir de seu olhar, e seus conceitos sobre o mundo. O texto, como objeto de história já é um fato comum, mas as imagens foram por muito tempo, segundo Pesavento (2003) usadas apenas como ilustração de algo, como fotos, paisagens, e utilizada em um momento como apenas história da arte. Porém, a redescoberta destas imagens pela história só aconteceu pela sua agregação com outro conceito revisto na nova história, o da representação, e tal como ela, a imagem, é vista como texto, e a nos apoiando destes conceitos será possível analisarmos a HQ **MAUS**, e buscar ver nela como se deu a partir de sua narrativa, e seus desenhos, como aconteceu a 2º Guerra mundial a partir da visão que o autor teve deste evento tendo como fonte histórica o próprio discurso de seu pai, sendo este testemunha viva e sobrevivente do Holocausto nazista. Segundo Pesavento (2003), as imagens se instituem em uma mediação entre o mundo de quem vê e o mundo de quem produz, usando como referencial a realidade, afinal, segundo a autora “palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.”. (p.86).

Em **MAUS**, Spiegelman (2005) se utiliza das imagens para aumentar o impacto de sua obra sobre o leitor. Transformando judeus em ratos, e alemães em gatos, a lendária perseguição que já é tema de desenho animado, também realça todo o contexto da perseguição dos nazistas contra os judeus na 2º Guerra, criando dentro da história uma nova representação do fato, ou seja, não a guerra como apenas é contada nos livros, ou vista nos filmes, mas a versão de um sobrevivente contada com todas as suas dores, angustias, e estratégias durante o período que antecedeu a 2º Guerra, a ascensão do

partido nazista, e todo tempo que esteve em Auschwitz, a partir dos olhos de seu filho. As imagens dentro da história em quadrinhos, ao mesmo tempo em que suavizam a tragédia, fazem com que ela se torne ainda mais contundente, e chocante, pois se torna inicialmente estranho aos nossos olhos uma linguagem tão “infantilizada” como a HQ falar e abordar um fato tão triste e violento da nossa história, mas logo depois de algumas páginas fica difícil de imaginar a história contada de outra forma se não a do autor.

Sobre as representações Chartier (1990) nos diz que: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as formam”. (p.17). Daí, para cada caso é necessário relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que pretendem impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990. p. 17)

Dentro deste contexto e usando suas concepções de mundo, Spiegelman (2005) se utiliza de discursos e enunciados de acordo com Foucault (2007), e busca definir o que seriam os papéis de judeus e nazistas no período histórico da 2ª Guerra Mundial, criando identidades para esses personagens dentro de sua obra. Dentro das páginas de MAUS, a arte e roteiro se misturam para criar uma admirável narrativa gráfica sobre o Holocausto. Com o olhar do autor lançado sobre esses sujeitos históricos, vemos que as identidades destes não são fixas, não existe uma simples dualidade entre bem/mal, certo e errado e com seus personagens o autor nos mostra que nossas identidades se (re) constroem durante toda a nossa vida, e também podemos mudar de identidade se a situação exigir.

Buscaremos aqui procurar entender como os enunciados e os discursos que são colocados sobre o que é o “nazismo” e os “judeus”, são construídos e configurados como uma verdade dentro de MAUS e como estas verdades são mostradas dentro da HQ e a partir destas verdades as identidades vão se construindo, vão se formatando. O enunciado é o que nos diz, por exemplo, o que é o ser louco, o que é ser o católico, o que é ser o heterossexual ou o homossexual, popular ou erudito. O enunciado é tudo o

que é dito sobre o que é ser e pertencer a esses discursos. Mas o enunciado que nos diz o que é o erudito ou a massa, não nos passa a totalidade das mesmas, pois, nas entrelinhas, por trás destes ditos, existem os “não ditos” e são esses “não ditos” que vamos buscar: os silêncios do enunciado que criam as identidades. O enunciado é o conjunto dos ditos. “O enunciado nomeia, recorta, descreve, explica, conta o desenvolvimento, indica as correlações, empresta palavras articula em seu nome discursos que deveriam passar por seus”. (FOUCAULT, 1999. p. 36).

Nosso objeto de pesquisa aqui é a história em quadrinhos **MAUS**, de Art Spiegelman (2005). **MAUS** ("rato", em alemão) escrita e desenhada por Art Spiegelman (2005), conta a história de Vladek e Anja Spiegelman, judeus poloneses que sobreviveram ao campo de concentração de Auschwitz, narrada pelo próprio pai Vladek ao filho Art Spiegelman (2005). A HQ desenhada e escrita por Art Spiegelman (2005), memorializa a experiência do Holocausto vivida pelo pai do autor. A narrativa da HQ acompanha a história da vida de Vladek quadro a quadro, desde a juventude e o casamento na Polônia de antes da guerra até o confinamento em Auschwitz. Em **MAUS**, a guerra é contada a partir da ótica do autor Art Spiegelman, sobre as entrevistas que seu pai, Vladek Spiegelman, lhe concedeu a respeito de sua sobrevivência ao holocausto promovido pelos nazistas contra os judeus durante a 2ª Guerra, mas que não é contada pelo próprio sobrevivente, mas a partir de seu discurso interpretado em quadrinhos por seu filho. E neste processo de resgate da memória de seu pai, o autor constrói dentro da HQ a sua visão a partir do discurso de seu pai do que seriam essas identidades de nazistas e de judeus na 2ª Guerra. Perceberemos aí que essas identidades são construídas pelo autor, e que elas são históricas, ou seja, estão inseridas em um contexto histórico sendo passíveis assim de análise histórica.

A dificuldade encontrada por nós na concepção de um novo objeto historiográfico, de lançar um novo olhar e de fazer novas perguntas, de criar novas possibilidades não é só nossa, mas é compartilhada também por todos que se propõem a esta tarefa. Conseguir que o objeto nos “diga” o que precisamos saber, que ele responda as nossas perguntas é uma árdua tarefa. E sobre isso Foucault (1999), vem a corroborar conosco quando nos diz:

Não é fácil falar de qualquer coisa em qualquer época, não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos prestar atenção, ou tomar consciência, para que os novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo lance sua primeira claridade. (FOUCAULT, 1999, p. 50).

Esta dificuldade que encontramos na concepção de um novo objeto se dá pelo fato do objeto não existir sem que nós o construamos. Nosso discurso é que configura o que será o nosso artefato de estudo, nós o criamos, nós damos vida a ele com o nosso discurso, para o que antes era apenas um silêncio. E esses nossos dizeres e verdades que conseguem dar origem a um objeto, se configuram a partir do feixe de relações, que nada mais são do que o constante encontro de discursos que acontecem dentro das relações: “o objeto não existe por si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos de luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações” (FOUCAULT, 1999, p. 50).

O discurso não existe por si só, somos nós que lhe empregamos significados e significâncias. Uma ordem que não é obedecida, não passa apenas de palavras vazias, mas quando é obedecida, executada, repetida, passa a ter um significado, uma verdade se instaura sobre o discurso que o torna verdade para quem está no seu raio de alcance. Na HQ temos o emprego constante dos discursos do que é ser “superior”, do que é ser “judeu”, de quem deve mandar e de quem deve obedecer, mas esses discursos só se configuram como verdadeiros quando as partes que estão em seu raio de alcance o reproduzem, o repassam, o reconfiguram, mas mais do que isso, quando os judeus e nazistas passam a se utilizar deste mesmo discurso, tanto para segui-lo, quanto para criticá-lo, mas ambos o usam, ambos o colocam no centro dos debates, judeus e nazistas, e são este discursos que constroem as identidades de ambos. Identidades estas que não são fixas, pois, são construídas dentro dos discursos e por isto são históricas, ou seja, tem uma origem, um início. E sobre isto nos diz Hall (2000):

É precisamente por que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (p.109)

A discussão que existe na HQ em análise paira como o discurso nazista se apodera de uma “verdade”, como o nazismo constrói verdades para si e para os judeus.

Tentaremos observar como essas “verdades” colidem, como esses discursos se encontram, onde eles são opostos, quais são seus regimes de verdade e como eles foram construídos dentro do período histórico abordado pela HQ, que constitui a 2ª Guerra Mundial. “O sujeito é produzido (...) do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria.” (HALL, 2000, p. 120).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história**/Durval Muniz de Albuquerque Júnior – Bauru, SP: Edusc, 2007. – (coleção história).

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade** / Nestor Garcia Canclini; tradução Heloiza Pezza Cintrao, Ana Regina Lessa. 3º ed. – Sal Paulo: Editora da Universidade de SP, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

FOUCAULT, Michel, 1926 – 1984. **A Arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. – 7.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.

_____. **A Ordem do Discurso** / Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5º ed. – São Paulo: Editora Loyola, 1999.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MACCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos** / Scott MacCloud 2005 – Sal Paulo – M. Books do Brasil Editora Ltda. 1. História em Quadrinhos – Desenho – Criação – Animação - Roteiro

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: A História de um Sobrevivente**/ Art Spiegelman; ilustrações do autor; [Tradução Antonio de Macedo Soares]. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.